



0 7 DE SEPTEMBRO

EM VIENNA.

AO DIA SEPTE DE SEPTÊMBRO DE 1873.

SAUDOSA OBLAÇÃO

RECITADA NA LEGAÇÃO BRASILEIRA

E OFFERECIDA

AO EX^{MO} SENHOR BARÃO DE PORTO SEGURO,
ENVIADO EXTRAORDINARIO E MINISTRO PLENIPOTENCIARIO
DE S. M. O IMPERADOR DO BRASIL,
E VICE PRESIDENTE DA COMMISSÃO BRASILEIRA
NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL
DE VIENNA

POR

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE,
SECRETARIO DA MESMA COMMISSÃO.

VIENNA.

IMPERIAL, E REAL TYPOGRAPHIA. 1873.

Ao dia Septe de Septembro de 1873
em Vienna.

Que jubilo de amor, de sancto enlevo,
Neste dia augustal saudar a Patria;
Repassados de fé mandar nossa alma
Sobre o mystico adeju da saudade
Ao berço em que vagimos, ao Elyσιο
Onde folgamos juncto ao seio amado
De nossas boas mães, onde colhemos
Beijos vitaes, amplexos de ternura,
E esse amor, que endeôsa a Brasileira.

Eu que servo nasci na idade inculta,
Quando a planta real pisado o solo
Do immaturo Brasil inda não tinha;
Que na ardente puericia ouvi o brado
Do Principe expandir-se como o lume
Da sacra redempção; que vi a marcha
De briosas phalanges ao combate,
Tendo no braço da aggressão a espada
E no que escuda o coração, fulgindo
Esta divisa: **Independencia ou Morte!**
Quanto não devo ao memorar tal dia,
Abrasar-me de affecto e de saudades.

Fundindo os corações n'um voto acorde,
 Que ventura não é hoje reunidos
 Neste piso, que é patria, asilo, e guarda,
 Igualmente saudar o berço augusto
 Em que as auras vitaes fructo a Virgem,
 Que unida a Pedro, o lilador, nos dera
 Aditando o Brasil, Pedro Segundo.

Salve! Filha da Panonia!
 Eu te vi co' o Esposo ovante
 Quando o Brasil radiante
 Bradou: Já não sou colonia!
 E rompeo com heroismo
 O sceptro do despotismo.

Quando o filho do sertão
 Accorreo ao littoral;
 E a Assemblea em Portugal
 Nos votava á escravidão:
 E nós lhe dicemos: Basta;
 Não és irmã, és madrasta!

Vem, minha musa esquecida,
 Dá-me a lyra abandonada,
 Remoga est' alma quebrada,
 Alenta-me o estro, a vida,
 Que eu não piso um solo hostil
 Ao Imperio do Brasil.

Piso a terra da sciencia.
 A que a voz nossa acolheo,
 Que prima reconheceo
 O verbo da Independencia,
 Que fundou n'outro hemispherio
 Nova nação, novo imperio.

Oh! não foi um voto dubio,
 Foi a sanção generosa
 De um Pae á Filha amorosa;
 Foi o abraço do Danubio
 Ao Janeiro triumphante,
 E á Bahia militante.

Vindobona! irmã querida,
 No teu solio hospitaleiro
 Aceita de um brasileiro
 Esta prece agradecida:
 Do Senhor, rei das alturas
 Sobre ti desçam venturas.

E o que era então est' Austria? Era a atalaia
 Da paz, e o zeloso sustentac'lo
 Do direito dynastico, abrogado
 Pelo gladio e canhão do novo Attila,
 Que onde punha o pé um rei calcava.
 E nos thronos, dos evos respeitados,
 Seus amoucos imbecéis assentava.

E o que era o Schönebrunn, inda em restauros
 Dos horrores da guerra nesta Europa
 Desagrada, abatida, recalcada
 Pela planta do Corso, sepultado
 Na rocha, em que furente o mar lançava
 A seu pallido rosto e nua fronte
 No mesmo vagalhão bisonos gritos
 De guais e salves, de martyrio e gloria!

O que era o velho throno, inda agastado
 Da pocema e tripudio dos sequazes
 Da falça liberdade, que ensoparam
 De sangue insonte o throno e o tugurio;
 É abrindo os diques da fallacia ao povo,
 Sens direitos mostravam, occultando
 Adrede altos deveres, construindo
 Na propria elevação fofo alicerce.

Gratos sejamos, ponderando os factos,
 Ao grande genitor da Madre excelsa,
 D'Aquelle a quem se deve a honra e gloria
 De vencer o Brasil na plaga infesta
 O safio repto do verdugo insano,
 Que em vez de louros sobre a terra patria
 Deixou seu craneo n' um pendão rasgado.

Nobre Imperio do Brasil,
Já não és tímido infante;
Ao teu braço de gigante,
A teu golpe varonil,
Morderam o chão mil bravos,
Do monstro cegos escravos.

Terra de amor e clemencia
De porvir alto e fecundo,
Onde o bom Pedro Segundo
Rasgou a lei antinómica
Pela de Deus, pela harmonica.

Onde, oh diva Providencia!
Candida mão de Princeza,
Symb'lo de sancta pureza;
De Rio-Branco a eloquencia,
Rasgaram da escravidão
O criminoso pendão!

Salve asilo perennal
Da sagrada liberdade,
Em que o homem na igualdade,
Na harmonia fraternal,
Dice ao homem: Vem, irmão,
E o cingio ao coração.

Agora, um so pensamento
 Deve o Brasil dominar,
 Que é todo o povo educar;
 Dar-lhe na ideia o alento
 Para igualar a grandesa
 De sua alta natureza.

Palma d'ouro amazonea, helia rainha
 Que em meio orbe teu imperio assentas,
 Orlando a margem desse mar corrente,
 Voa ao ceo do Cruzeiro, attrahe mil astros.
 E siderea e fulgente adorna a fronte
 Do Nume tutelar dos Brasileiros;
 Plantas virentes, que do ethereo assento
 Bivernal estação colheis, ás auras
 Mil perfumes lançaes: favonios, zephyros,
 Conduzi-os a Pedro, o pae da patria,
 Que véla em Gnanabára almo futuro!

Cedro, que elevas tua copa ás nuvens.
 E vos reis das florestas, millenarios
 Monumentos, assombro da sciencia,
 Correi ao mar talhados, pompeando
 Sobre aladas antenas a bandeira
 Creada neste dia glorioso.

Arriverde pendão! Voae ás plagas
 Onde outr' ora cedeo impia phalange.
 Deix' n'do em Pirajá orgulho e armas;
 Vae onde Sigismundo o gladio ousado
 Perdeo, e sobre a serpe de rochedos
 Que o mar de Olinda furioso encobre,
 Fulge de novo, e com honroso aspecto
 Desvenda a gente ourada, une seus peitos.
 Veleja ás regiões em que nitente
 A frigida Aearnar no ceo se mostra;
 Entra nas aguas dessa estancia elysia
 Onde gallopa a bellicosa tribu
 De invenciveis centauros; pára e acolhe-os.
 Mostra-lhes Poncheverde, o sangue inutil,
 E o perlido denodo em prol de um sonho,
 Que encubava o deserto na anarchia.

Volta ao pego, caminha, e pára intrépido
 Fronteiro ao monte de infiel memoria,
 Que ao ver-te, os dias de passadas ancias.
 Se amor o ornasse, te seria grato.
 Avante segue, e na achanada margem
 Da odiosa Palermo lembra o sangue
 Generoso dos teus, quando expulsaram
 O feroz mazorqueiro, o algoz cruento,
 Que a tétra escravidão, e o idiotismo
 Firmaria, se tu lá não venceesses!

Hoje que avultas sobre a ingente cupola,
 Gloria do Prater, onde o mundo uuido
 Arte e industria estadêa, onde nós outros,
 Modestos operarios, offertamos
 Da natura e do fabro o fructo esponte,
 Vem a teus servos nesta patria estancia,
 N'esta casa que é tua, e estende alegre
 O campo d'ouro em que resplende ovante
 No escudo sideral a cruz, a esphera,
 E o diadema de Pedro, o laço augusto
 Da união, do poder, da liberdade.

Segue o peryplo em que colheo assombros
 Do Tejo ao Sena, do Tamisa ao Nilo
 Teu nobre vexillario, O que nós campos,
 Riograndenses venceo horda invasora;
 E calmo entre seu povo se mostrara
 Na côrte, em face da aggressão estranha;
 E onde a Patria reclamou seu braço!
 Vem com Elle a nós outros, que o amamos,
 Rico do espolio de ovações do orbe,
 De amor e pasmo, de respeito e espanto,
 E de um nobre orgulho possos peitos euche.
 Teus filhos aqui estão: tu lhes derramas
 Celeste lenitivo, bafejando
 De teu alto esplendor o grande insuflo
 Que em sancto arroubo o coração dilata,
 E leva a mente á carinhosa Patria.

Um voto ao dia de hoje, — um brinde, amigos, —
Dia de vida, de memoria excelsa,
E de ingente porvir, gloria da America.
De um surto vingue o azulado pelago
Nossa grata oblação, bradando todos:
„Pedro Segundo; Independencia ou Morte.“





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).